

# As bruxas de Federici: um ensaio para Jaider Esbell

Federici's witches: an essay for Jaider Esbell

Silvana de Souza Ramos  
Universidade de São Paulo (USP)  
ramos\_si@yahoo.com.br

**Resumo:** O artigo pretende recuperar alguns dos traços fundamentais da interpretação do capitalismo feita por Silvia Federici na obra *O Calibã e a Bruxa*. Neste sentido, são analisados os conceitos de corpo administrado e de acumulação primitiva do capital. Procuo mostrar que Federici tem uma concepção ampla dos cercamentos, pois entende que o capitalismo acumula diferenças entre indivíduos e grupos de modo a potencializar a produção de valor e de mais valor. A figura da bruxa, estigma da mulher que deve ser submetida ao Estado e ao marido é exemplar desse processo de acumulação primitiva. Ao lado desta, está a figura de Calibã, personagem shakespeareana responsável por expressar a luta anticolonial. Eu me valho da presença dessa figura na obra de Federici para refletir sobre a existência trágica, e anticolonial, do artista indígena contemporâneo Jaider Esbell.

**Palavras-chave:** Silvia Federici; capitalismo; bruxa; colonialismo; Jaider Esbell.

**Abstract:** The article aims to recover some of the fundamental features of the interpretation of capitalism wrote by Silvia Federici in the work *Caliban and the Witch*. In this sense, the concepts of administered body and primitive accumulation of capital are analyzed. I seek to show that Federici has a broad conception of enclosures, as she understands that capitalism accumulates differences between individuals and groups to enhance the production of value and more value. The figure of the witch, the stigma of a woman who must be subjected to the State and her husband, is an example of this process of primitive accumulation. Next to this is the figure of Caliban, a Shakespearean character responsible for expressing the anti-colonial struggle. I use the presence of this figure in Federici's work to reflect on the tragic, anti-colonial existence of the contemporary indigenous artist Jaider Esbell.

**Keywords:** Silvia Federici; capitalism; witch; colonialism; Jaider Esbell.

Recebido em 1o de julho de 2024. Aceito em 4 de setembro de 2024.

*doispontos*, Curitiba, São Carlos, vol. 21, n. 3, nov. de 2024, p. 380 - 391 / ISSN: 2179-7412  
DOI: <https://doi.org/10.5380/dp.v21i3.95991>

1. Filósofos e filósofas sentem um profundo desamparo quando testemunham alguém falando de coisas que lhes interessam do ponto de vista de uma ciência humana, pois o que define a filosofia é o fato de ela não ter um objeto próprio. Ao contrário das ciências positivas, a filosofia não tem a segurança de encontrar um referente objetual específico, de modo a deixar-se guiar por ele, sem precisar olhar para outros aspectos, tanto objetivos quanto subjetivos, envolvidos na experiência do mundo. Desvinculada da referência a um fenômeno em particular, a filosofia pode, contudo, assumir para si *qualquer* objeto, embora isso faça pesar sobre seus ombros a responsabilidade de escolher seus próprios temas de pesquisa e de reflexão, de acordo com as exigências de seu tempo; diferenciando-se assim dos saberes positivos, a filosofia reconhece, contudo, que nenhum conhecimento produzido por ela a retira do desamparo que a constitui pelo fato de que a escolha objetual que lhe dá início é sempre, de certo modo, arbitrária.

É verdade que essa peculiaridade coloca a filosofia numa posição importante no mundo contemporâneo, quando certos processos de epistemicídio estão sendo revelados e abordados criticamente.<sup>1</sup> Vivemos numa época em que o pensamento colonial, com pretensões universalizantes, não mais se impõe com naturalidade, de modo que nossa cultura se encontra em processo de aprendizado. É nossa tarefa aprender a conviver com a pluralidade de saberes, e com as contradições que isso implica; estamos cada vez mais cientes de que qualquer imposição pura e simples de universais encobre, e muitas vezes justifica, atos de exclusão e de violência. Portanto, não é mais possível permanecer confortável no lugar do filósofo pretensamente desencarnado, situado acima de qualquer perspectiva sobre o mundo, pois essa posição, ocupada de modo abstrato e acrítico, pode levá-lo a compactuar com injustiças. Em suma, podemos dizer que a filosofia se encontra diante de duas grandes tarefas: a de conviver com o desamparo de saber-se sem objeto próprio; e a de buscar não compactuar com a destruição de saberes e de culturas diversos daqueles produzidos pela posição colonizadora da subjetividade ocidental, majoritariamente branca e heteronormativa.<sup>2</sup>

2. Para nós, que estamos no Brasil, e escrevemos desde a periferia do capitalismo, num contexto de perigos e de incertezas sociais e políticas, um acontecimento trágico, em especial, marca a nossa cultura no início do século XXI. Trata-se da morte do artista indígena contemporâneo Jaider Esbell, suicidado no dia 02 de novembro de 2021, em um momento de plena atividade criativa, quando o Brasil e o mundo estavam impactados pela força expressiva de suas obras.

Considerado um dos mais importantes artistas indígenas contemporâneos, Esbell é responsável pela elaboração de uma cosmovisão crítica aos desenvolvimentos destrutivos da colonialidade e do capitalismo centrada na recuperação de imaginários e de cosmologias indígenas, especialmente daquelas cultivadas

<sup>1</sup> Os processos de epistemicídio são complexos e violentos, e podem ser detectados em vários níveis da produção e da transmissão de valores e de conhecimento: “É o fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio” (CARNEIRO apud RIBEIRO, 2019, p.79). A mesma situação pode ser verificada com relação ao trabalho material e intelectual das mulheres e das diversas culturas e etnias indígenas. Podemos dizer que o epistemicídio é um dos traços da dominação cultural, da misoginia e do racismo inerentes ao modo de produção capitalista.

<sup>2</sup> Vivemos e pensamos sob a urgência do enfrentamento do neoliberalismo e do avanço de sua expressão mais acabada, a política pautada pela extrema-direita. O quadro de lutas anticapitalistas em vigor nesse contexto pode ser assim descrito: “O ponto de vista estratégico dos ativismos unifica o pessoal e o coletivo, parte do local e se veem mais como sujeitos sociais do que como sujeito políticos. Muitas vezes manifestam-se por direitos de seus corpos exigindo serviços, igualdade social, direitos humanos. Saem do universal abstrato para o universal concreto. Essa é também a linguagem política da chamada quarta onda do feminismo. A marca mais forte desse momento é a potencialização política e estratégica das vozes dos diversos segmentos feministas interseccionais e das múltiplas configurações identitárias e da demanda por seus lugares de fala. Nesse quadro, o feminismo eurocentrado e civilizacional começa a ser visto como um modo de opressão alinhado ao que rejeita, uma branquitude patriarcal, e informado na autoridade e na colonialidade de poderes e saberes” (HOLLANDA, 2020, p. 12).

pelo povo macuxi.<sup>3</sup> Em 2021, ele foi protagonista da 34ª. Bienal de São Paulo, quando o público pode ter acesso a uma vasta mostra de seu trabalho. No mesmo período, outros artistas indígenas foram expostos no Museu de Arte Moderna, na mostra *Moquém Surarî*, sob curadoria de Esbell.<sup>4</sup> Nascido em 1979 em Normandia, no estado de Roraima, onde se localiza a Terra Indígena Raposa-Serra do Sol, Esbell cresceu ouvindo, do avô e de outros parentes, fragmentos da cosmologia macuxi, entre os quais se encontram as aventuras de Makunaíma. Assumindo a posição de neto de Makunaíma, ele mergulha na cosmologia do avô e assume a tarefa de resgatar seu corpo para levá-lo de volta ao monte Roraima, morada do ancestral mítico e lugar sagrado para diversos povos indígenas.<sup>5</sup> Sua morte precoce surpreendeu a todos, e não seria exagerado afirmar que, de algum modo, tudo o que produzimos criticamente a partir desse acontecimento trágico vai se dar no sentido de, conscientemente ou não, tentarmos viver dignamente esse luto.

Eu me lembro de um encontro que tive com Esbell, por acaso, no Acre, em 2017. Eu estava absolutamente fascinada por aquela figura, embora quisesse aparentar naturalidade, algo muito difícil, pois Esbell é daquelas pessoas que emanam luz por onde passam. Nessa ocasião, ele disse algo que me comoveu

<sup>3</sup> Ao apresentar o trabalho de Esbell, Nina Vincent pondera não ser possível compreender obras desse tipo “apenas a partir de referenciais ocidentais de arte e estética, uma vez que são profundamente ligadas a outras tradições de pensamento e regimes de produção de imagem. São criações que dialogam com o referencial cultural, cosmológico e estético de suas culturas de origem, tensionando as fronteiras tanto da cultura material e imagética tradicional dos povos indígenas quanto do campo estabelecido da arte. Usando telas, pintura, desenhos, filmes, fotografia, design gráfico, performances, música de todos os gêneros, cada artista cria seu universo próprio e sua maneira de se relacionar com as referências cosmológicas, ancestrais, espirituais e as práticas expressivas ameríndias, articulando-as e confrontando-as às referências consideradas ‘dos brancos’” (Vincent in Esbell, 2020, pp. 8-9). Assim, a arte indígena contemporânea, na sua diversidade desdobrada por cada artista, não pode ser pensada apenas como uma produção coletiva, já que os criadores e criadoras em questão realizam esse trabalho individual de tensionamento de referências no interior de uma experiência difícil de trânsito da cultura indígena à cultura branca. No caso de Esbell, esse trânsito é permeado por uma meditação constante: “A minha arte nasce disso, dessa complexa mistura de realidades e fantasias, um palco belíssimo de natureza e violência, mito e crua realidade. Eu busco enxergar além das fronteiras, busco alcançar uma visão extrapolada para além dos limites geográficos e da geopolítica dominante. Não há domínio nem recorte quando tratamos com arte e realidade” (ESBELL, 2020, pp. 107-8).

<sup>4</sup> Entre os artistas expostos na mostra *Moquém\_Surarî – arte indígena contemporânea*, estavam: Ailton Krenak, Amazoner Arawak, Antonio Brasil Marubo, Arissana Pataxó, Armando Mariano Marubo, Bartô, Bernaldina José Pedro, Bu’ú Kennedy, Carlos Papá, Carmezia Emiliano, Charles Gabriel, Daiara Tukano, Dalzira Xakriabá, Davi Kopenawa, Denilson Baniwa, Diogo Lima, Elisclésio Makuxi, Fanor Xirixana, Gustavo Caboco, Isael Maxakali, Isaiais Miliano, Jaider Esbell, Joseca Yanomami, Luiz Matheus, MAHKU, Mario Flores Taupang, Nei Leite Xakriabá, Paulino Joaquim Marubo, Rita Sales Huni Kuin, Rivaldo Tapyrapé, Sueli Maxakali, Vernon Foster, Yaka Huni Kuin, Yermollay Caripoune.

<sup>5</sup> A tarefa que Esbell assume para si dá dignidade à atitude do avô que, segundo o neto, lançou-se livremente à cultura branca, do mesmo modo que o neto fez do trânsito entre culturas sua condição criadora: “Estou aqui para resgatar meu avô, levá-lo pra casa pra cuidar dele. O ser que sou, eu mesmo, é homem, um guerreiro pleno de 1,68 metros, 80 kg, 39 anos. É livre como deve ser. É livre como é meu avô Makunaíma ao se lançar na capa do livro do Mário de Andrade. Ele se deixou ir, foi o que me disse em uma de nossas inúmeras conversas de avô e neto. Assim me diz ele: - Meu filho eu me grudei na capa daquele livro. Dizem que fui raptado, que fui lesado, roubado, injustiçado, que fui traído, enganado. Dizem que fui besta. Não! Fui eu mesmo que quis acompanhar aqueles homens. Fui eu que quis fazer a nossa história. Vi ali todas as chances para a nossa eternidade. Vi ali toda a chance possível para que um dia vocês pudessem estar aqui junto com todos. Agora vocês estão juntos com todos eles e somos de fato uma carência de unidade. Vi vocês no futuro. Vi e me lancei. Me lancei dormente, do transe da força da decisão, da cegueira de lucidez, do coração explodido da grande paixão. Estive na margem de todas as margens, cheguei onde nunca antes nenhum de nós esteve. Não estive lá por acaso. Fui posto lá para nos trazer até aqui” (Esbell, 2020, pp. 146-7). Sobre a relação do artista com Makunaíma, ver Esbell, 2018; 2019; 2020. Sobre o alcance anticolonial de sua estética, ver Machado, 2022. Esbell participou da construção de um texto dramático que tensiona a relação entre a cultura indígena com a criação de Mário de Andrade: “Em um diálogo estético / político, que a obra *Makunaimã: o mito através do tempo* (2019) estabelece com a rapsódia *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* de 1928, de Mario de Andrade. Jaider e outros artistas indígenas e não indígenas, como Déborah Goldenberg, Cristiano Wapichana, Paulo Santilli e Zacarias de Souza Loiola, e outros sobre a perspectiva teórica pós-colonial, estabelecem um diálogo entre Macunaíma e Makunaimã, a divindade indígena do tempo imemorial. Nessa ação pós-colonial, estão em disputa as visões colonizadoras e as tentativas anticoloniais, assim um pequeno manifesto é apresentado, a Reantropofagia no qual renasce Makunaimã e a antropofagia originária que pertence a nós indígenas, flagrados por uma obra artística multiforme, inacabada, que ainda tem muito para dizer sobre a literatura brasileira com o passar do tempo” (SILVA & DINIZ, 2024, p. 4).

bastante: “- às vezes é difícil lidar com o branco porque ele vem até nós, indígenas, buscando cura, abrigo e amparo”. E é isso mesmo: o mundo ocidental vive sob uma cultura doente; nós perdemos certos marcos que estruturariam relações saudáveis entre nós, pois vivemos o ocaso de grandes anseios da modernidade, especialmente daquele referido ao desejo de construir uma sociedade justa e democrática. Fracassamos, e hoje buscamos nos povos ancestrais algo que nos acolha, e que oriente nossa ação, ao passo que essas populações percorrem caminhos de extinção há vários séculos, e isso em função de processos coloniais instaurados, e ainda hoje em vigor, pela cultura branca eurocentrada.

3. Ora, desde que o capitalismo se instaurou como modo de produção dominante no Ocidente, ele tem como característica extinguir certos modos de vida porque lhe é necessário universalizar o seu modo de existência. Toda e qualquer alternativa que o ameace em sua hegemonia precisa desaparecer, ou ser suficientemente colonizada. Se há uma grande contribuição do pensamento de Silvia Federici para a compreensão deste problema, esta reside no fato de a filósofa mostrar que o capitalismo avança ao transformar diferenças em hierarquias, estabelecendo por consequência relações de exploração entre indivíduos, grupos e povos. Essa é a lógica das relações sociais instauradas por esse modo de produção. Nestes termos, a expropriação sob a forma da acumulação primitiva do capital, tanto aquela que realiza saques e cercamentos, quanto o racismo e o sexismo, responsáveis pela divisão social do trabalho de modo a potencializar a extração de valor e de mais valor, estruturam esse modo de produção. Quer dizer, o capital cresce à medida que explora o trabalho alienado, mas ele também gera mais valor ao inferiorizar contingentes populacionais com o objetivo de pagar-lhes salários baixos, ou nenhum salário. Não satisfeito, o capitalismo investe sobre territórios e riquezas naturais, sempre tendo em vista a obtenção de mais e mais lucro, não importando se para isso tenha de destruir florestas, territórios sagrados, povos ancestrais, rios ou qualquer tipo de vida.<sup>6</sup>

Diante desse quadro, é como se Esbell dissesse à cultura branca ocidental: “- Eu não posso acolhê-los em seu desamparo, pois a minha cultura, em processo de extinção, não pode fazer isso! Minha presença sagrada no mundo só pode ser anticolonial”. Assim, a reflexão sobre essa experiência de mal encontro entre a cultura branca e a ancestral talvez nos carregue para a seguinte formulação: o desenvolvimento da modernidade e do capitalismo se deu por meio da crescente destruição de outros modos de vida, a exemplo do que aconteceu, e ainda acontece, com os povos originários da América pré-colombiana e com seus respectivos saberes e culturas, mas isso não é tudo. Nós estamos vivendo uma situação em que o progresso do capitalismo, ao avançar sem freios sobre as riquezas naturais para produzir mais e mais, ameaça não apenas certos modos de vida anticapitalista, pois a própria existência de qualquer tipo de vida sobre a Terra está em perigo. O caráter adoecido da nossa cultura, incapaz de compreender qualquer dimensão do sagrado, é apenas um aspecto desse quadro mais amplo do processo extinção em que estamos engajados.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Assim como Federici, Rosa Luxemburgo e, mais recentemente, Harvey defendem a coexistência entre exploração de mais valor e acumulação por meios violentos (saque, expropriação etc.), contrariando, assim, a tese de Marx, a qual situa a acumulação primitiva apenas na pré-história do capitalismo. Para Federici, a noção de acumulação primitiva é central, pois ela esclarece o funcionamento do neoliberalismo, o qual reitera os cercamentos surgidos na aurora da modernidade. A respeito, cf. HARVEY, 2013, p. 292. Sobre a relação entre hierarquia, acumulação e exploração no capitalismo, cf. DIAS, 2021.

<sup>7</sup> Cabe salientar que o caráter sagrado do saber ancestral, cultivado por povos originários, assim como o saber popular veiculado pela bruxa, precisa ser combatido por ser avesso à disciplina capitalista do trabalho, uma vez que propicia uma justificável relação não administrada (e imprevisível, portanto) com o corpo e com a natureza: “A incompatibilidade da magia com a disciplina do trabalho capitalista e com a exigência de controle social é uma das razões pelas quais o Estado lançou uma campanha de terror contra a magia – um terror aplaudido sem reservas por muitos dos que hoje são considerados fundadores do racionalismo científico: Jean Bodin, Mersenne [...], Newton, [...] Hobbes” (FEDERICI, 2017, p. 261). Esses saberes precisam ser combatidos e inferiorizados exatamente porque são anti-econômicos, no sentido de que seu cultivo põe em risco a disciplina capitalista responsável pela produção e exploração de valor. Vem daí também o tratamento da arte indígena como artesanato, inferiorizando-a em comparação com o cânone europeu, escala de valores combatida fortemente por Esbell. Por isso, ele reivindica seu reconhecimento como artista individual: “Pois estamos falando de arte e deves saber que não existe arte sem a figura do artista. [...] Teorias antropológicas clássicas da estagnação e visão comum romanceada sobre o nativo não cabem mais

4. Federici é hoje uma das grandes teóricas responsável por desvendar esse teor destrutivo dos avanços do capitalismo, pois o pensa em termos interseccionais, ou seja, segundo o cruzamento de opressões de raça, classe, gênero, entre outras possíveis, no interior da lógica de relações hierárquicas típica desse modo de produção. Sua contribuição para a leitura do capitalismo contemporâneo reside no fato de ela ter feito uma discussão pertinente sobre como podemos pensar a interseccionalidade de dentro das relações de classe. Assim, ela se preocupa em dissecar o liame profundo, no interior da lógica de produção e de reprodução do capitalismo, entre diferença e hierarquia. Nestes termos, segundo a autora, a relação moderna com o *outro* sempre se dá no registro da colonização e da exploração. O capitalismo é um destruidor de modos de vida porque seu modo de vida tem de imperar sobre os demais.<sup>8</sup>

Hoje, porém, em razão dos problemas de escassez provenientes da crise ecológica que vivemos, o capitalismo ameaça a vida enquanto tal. Chegamos a um ponto em que os recursos naturais e afetivos de que precisamos para sobreviver estão sendo destruídos. Não é possível estar numa universidade e não ficar espantado ao perceber o quanto nossos alunos e alunas, mas também nossos professores e funcionários, estão medicalizados. Não é possível lidar naturalmente com isso, pois não se trata de uma questão individual, ou restrita ao mundo acadêmico; pelo contrário, somos verdadeiros espelhos da sociedade em que vivemos, e essa medicalização expressa o fato de que nós estamos sustentando modos de produção de conhecimento e de riqueza que são *insuportáveis*.

5. Ora, outro ponto importante do pensamento de Federici se refere exatamente ao tema da produção de conhecimento. O capitalismo realizou uma mudança de *epistème*, algo que Foucault percebeu com clareza, mas isso aconteceu porque estruturalmente esse modo de produção não pode lidar com saberes que entrem em competição com o tipo específico de relação que ele estabelece com a natureza; outros saberes podem até sobreviver, mas eles não desfrutam da mesma legitimidade de que goza a ciência moderna. Afinal, no capitalismo, modos de saber são modos de controle instrumental da natureza, mas são também instrumentos de controle social. A própria medicalização dos comportamentos é um fenômeno que eclode com a necessidade de controle da reprodução social, sendo um desdobramento da necessidade de docilização do corpo feminino, este que passa a existir em função da reprodução e do cuidado. Nestes termos, Federici compreende que a figura da bruxa nada mais é do que uma construção histórica cuja função seria a demonização da sexualidade feminina, o controle de seus comportamentos, e a consequente naturalização da exploração de seu trabalho não remunerado.

Foi nítida a ofensiva contrarrevolucionária praticada pela aristocracia e pela burguesia, amplamente patrocinada pelos Estados nascentes, para cercar os corpos das mulheres e transformá-las em territórios político-econômicos a serviço da reprodução e do cuidado. Uma campanha de demonização das mulheres passou a ser perpetrada, retratando-as como seres selvagens, bestiais, a serem dominados. Federici mostra tanto por meio de estudos, como por intermédio de ilustrações, a incitação que passou a ser feita à perseguição de mulheres. Tal fato ficou conhecido como a grande caça às bruxas. Mulheres eram constantemente difamadas, perseguidas, presas, torturadas e assassinadas, muitas vezes em fogueiras. Centenas de milhares de mulheres foram mortas neste processo. O objetivo era destruir sua autonomia profissional e o autocontrole sobre seus corpos, submetendo-as à autoridade total dos maridos e do Estado. As mulheres se tornariam os novos bens comuns dos homens, espécie de compensação pelas terras [comunais] perdidas” (DIAS, 2021, p. 163).

As mulheres eram detentoras de saberes, o que lhes dava um papel social decisivo no contexto feudal, anterior à ascensão do capitalismo e da modernidade. Esses saberes, assim como a própria figura da mulher,

---

em nosso mundo. Se eu não tivesse assinado minhas obras, você nem teria a chance de fazer esta entrevista pois estaria diluído em invisibilidade” (ESBELL, 2020, p. 118).

<sup>8</sup> É por isso que Federici rompe com a visão segundo a qual o capitalismo teria sido um progresso em relação ao mundo feudal: “O capitalismo foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal – possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e de espaço natural que marcou o avanço das relações capitalistas no mundo” (FEDERICI, 2017, p. 44). De fato, ao menos do ponto de vista das mulheres e dos povos originários, o capitalismo não pode ser tomado como um fator de progresso.



foram demonizados; suas antigas práticas passaram a legitimar uma ampla perseguição, e finalmente as mulheres, expropriadas de seu modo de vida, foram domesticadas pelo capitalismo de modo que pudessem assumir papéis marcados pela exigência de submissão.<sup>9</sup>

Esse processo foi importante não apenas para a criação da mulher moderna, pois ele foi um componente decisivo para a consolidação da própria classe trabalhadora. Dividido em função da diferença sexual e racial, o proletariado seria impedido de encontrar uma consciência de classe unitária, capaz de alimentar sua luta contra o Capital. Ora, o capitalismo cria hierarquias onde quer que a diferença surja. Assim, a destruição do modo de vida feminino existente no mundo feudal foi necessária para a submissão das mulheres ao novo sistema, embora seu resultado principal tenha sido a criação de uma classe em grande medida resignada ao trabalho alienado, sem força para reagir ao processo de exploração em que foi inserida, e isso em função de sua divisão interna. Nestes termos, a acumulação primitiva foi, e ainda é, de um lado, o acúmulo de trabalhadores exploráveis e de capital; de outro lado, ela se configura como “uma acumulação de diferenças e de divisões dentro da classe trabalhadora, em que as hierarquias constituídas sobre o gênero, assim como sobre a ‘raça’ e a idade, se tornaram constitutivas da dominação de classe e da formação do proletariado moderno” (FEDERICI, 2017, p. 119).

6. Há algum tempo eu venho pensando sobre o que é ser uma intelectual, na tentativa de compreender os sistemas burocráticos de produção de saber em que estamos inseridos. Ouço algumas pessoas invocarem o passado, afirmando que não há mais pensadores como os de outrora. Tenho profundo apreço pelos intelectuais do passado, porém, não posso deixar de notar que vivemos em condições sociais de produção de conhecimento completamente diferentes. As exigências da universidade neoliberal fazem parte do nosso cotidiano, com seus parâmetros irracionais de produção e de avaliação.<sup>10</sup> Essa exigência infundável de produtividade, aliada a parâmetros pouco claros de valoração do que é produzido, gera desgastes emocionais bastante severos, a ponto de a universidade ter se tornado um espaço que acaba por adoecer e destruir talentos, ao invés de permitir que estes desabrochem. Não adianta alimentar o saudosismo em relação ao passado; cabe-nos agora redesenhar o nosso modo de agir no interior da universidade, e para além dela, no intuito de reverter essa situação, e de interferir no debate público. Penso que manter-se preso à universidade implica ceder ao isolamento da vida acadêmica, e promover ainda mais a cisão já existente entre a universidade e a sociedade. O ambiente acadêmico é atravessado pela competição, de modo que é muito difícil construir vínculos duradouros nesse espaço. Existem encontros furtivos que permitem perceber que há preocupações e questões comuns. Talvez eles produzam alianças, e abram novas perspectivas de ação; porém, essa aposta exige expandir nosso campo de atividade para além da academia.

Minha leitura de Federici se constrói a partir desse contexto acadêmico que acabei de descrever. Trago comigo essas preocupações, e meu desconforto com a situação da universidade me levou a estudar teorias feministas, e a me engajar nas lutas contra a opressão de gênero. Eu passei muito tempo mergulhada nas discussões feministas, e embora o aprendizado tenha sido imenso, eu sentia um pouco de falta do meu antigo Marx, e pensava bastante sobre o fato desta opressão estar relacionada ao racismo e à luta de classes. Seria o caso de pensar internamente a articulação entre opressões, sem recair em dualismos inúteis. Afinal,

<sup>9</sup> Em *Reencantando o Mundo*, a filósofa italiana escreve: “Como já demonstrei, a caça às bruxas, que ganhou espaço em vários países da Europa e nas regiões andinas nos séculos XVI e XVII, levando à execução de centenas de milhares de mulheres, foi fundamental para esse processo. Nenhuma das mudanças históricas na organização do trabalho reprodutivo que descrevi teria sido possível, ou seria possível hoje, sem um grande ataque ao poder social das mulheres, da mesma forma que o desenvolvimento capitalista não teria obtido sucesso sem o comércio de escravizados, sem a conquista das Américas, sem uma incansável campanha imperial (que segue em curso) e sem a construção de uma teia de hierarquias raciais que efetivamente dividiu o proletariado global” (FEDERICI, 2022, pp. 50-51). Sobre a gênese da figura da mulher moderna em Federici, e a necessidade de controle de seu corpo, ver RAMOS, 2020.

<sup>10</sup> Recentemente, a Revista Piauí publicou um artigo denominado “A ciência recalcula sua rota”, onde o caráter irracional das avaliações de artigos acadêmicos é posto em evidência. Cf. CUDISCHEVITCH & NEVES, 2024.

a divisão entre problemas econômicos, cujo aporte se relacionaria à distribuição de recursos materiais, e problemas de reconhecimento, relativos à cultura, não me agradava. Essas dimensões estão interligadas, e não devem ser pensadas separadamente. Sendo assim, encontrei na leitura de *O Calibã e a Bruxa* uma abordagem do capitalismo rigorosa do ponto de vista teórico, além de potente do ponto de vista político. De fato, a filósofa italiana, com sua formação marxista bastante sólida, e com sua experiência de décadas no movimento feminista, fornece uma visão crítica do capitalismo sem recair em qualquer dualismo.

Desde a abertura de *O Calibã e a Bruxa*, Federici articula a análise dos processos coloniais, expressos pela figura shakespeariana do Calibã, ao estudo da construção da figura histórica da bruxa. Esse estudo primoroso do surgimento da modernidade e do capitalismo demonstra que o racismo, o colonialismo e a misoginia de alguma forma se articulam desde a origem desse modo de produção. O subtítulo do livro, *mulheres, corpo e acumulação primitiva*, ao enunciar certa articulação entre processos aparentemente independentes, propõe explicitamente a articulação entre o que acontece com a docilização dos corpos subjugados, o controle da reprodução social, e a reiteração cíclica de processos de acumulação primitiva. Estamos acostumados a pensar o capitalismo como uma máquina de extração de mais valor resultante da exploração do trabalho assalariado. Federici mostra que este é apenas um dos aspectos desse modo de produção, pois, uma vez que ele se estrutura hierarquizando as relações sociais a partir de diferenças de raça, gênero e classe, torna-se capaz de extrair riqueza através do acúmulo da própria diferença. Nestes termos, a bruxa e o Calibã são explorados de maneira múltipla: estão sujeitos ao trabalho alienado, ao mesmo tempo em que sua inferiorização em relação ao trabalhador branco, masculino e/ou livre justifica a expropriação de parte, ou mesmo da totalidade, de seu salário pelo Capital.<sup>11</sup>

7. Essa leitura é construída pela mobilização de muitos documentos e de uma vasta iconografia responsável por recuperar o processo de construção ideológica da inferiorização do colonizado e da mulher. Trata-se, portanto, de um trabalho histórico, atento aos acontecimentos e à elaboração discursiva e imaginária promovida em função da ascensão do capitalismo. Esse trabalho não se detém apenas nos problemas lógicos do Capital. Nesse sentido, ele faz uma gênese do capitalismo e da modernidade bem diferente da que conheci na universidade. Se tomamos como referência os trabalhos de Fausto (1983) e de Giannotti (1983), por exemplo, percebemos que suas compreensões da obra de Marx giram em torno de análises da dialética e de seus desdobramentos lógicos; pouco importância é dada por esses autores aos acontecimentos empíricos ligados à gênese do capitalismo.<sup>12</sup> Evidentemente, esses trabalhos têm um profundo interesse,

<sup>11</sup> Ainda hoje as mulheres recebem menos que os homens, realizando funções idênticas. Pessoas não brancas também se encontram em situação de inferioridade salarial em relação a trabalhadores brancos. Segundo Federici, há nesse caso uma combinação entre a exploração de mais valor e a acumulação primitiva, alicerçada no acúmulo de diferenças. Esse aspecto já havia sido percebido por Lélia Gonzalez, quando a autora analisava o trabalho no Brasil: “O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo. Quando se trata de competir no preenchimento de posições que implicam recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos. E isso ocorre em todos os níveis dos diferentes segmentos sociais. O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da margem marginal crescente: desemprego aberto, ocupações ‘refúgio’ em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente e trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc.” (GONZALEZ, 2020, p. 46).

<sup>12</sup> De certo modo, a cisão entre estrutura e história incide sobre a construção dessas reflexões, e do rico debate que elas instauraram acerca do sentido da dialética e da própria noção de trabalho, de modo que o privilégio metodológico concedido ao estudo rigoroso da lógica interna ao texto marxiano, e ao próprio capitalismo, acabou de certo modo por deixar pouco espaço para a leitura dos acontecimentos históricos que encenam a aurora da modernidade. Dificuldade que no entanto esses autores tematizaram, especialmente no caso de Fausto (2007, 2009), o qual se aventurou, inclusive, no campo das discussões sobre a filosofia da história, a ética e a política. Para uma apresentação da perspectiva filosófica de Giannotti, consultar a seguinte entrevista concedida à *Folha de São Paulo*: Silva & Giannotti, 1995. Uma breve biografia intelectual de Ruy Fausto pode ser apreciada em: HUSSNE, 2020.

ainda mais por terem propiciado interpretações originais da obra marxiana. Porém, para as discussões que me interessam, aquelas ligadas à realidade vivida, à existência atravessada pelo racismo e pela misoginia, eles têm menos a dizer do que a obra de Federici. Mais do que pensar os fatos históricos que marcam a construção do capitalismo, as alianças de classe que lhe deram origem, os corpos e mundos ancestrais que foram violentados e destruídos, para que o capitalismo triunfasse, interessa-lhes precisar o arcabouço lógico segundo o qual o pensamento de Marx desvenda o funcionamento desse modo de produção. Assim, enquanto a visada lógica busca produzir uma interpretação da dialética marxiana, a visada histórica tenta desvendar o funcionamento social da experiência vivida sob o capitalismo, de modo que a recuperação de sua gênese ilumina o sentido de seus avanços contemporâneos.

Eu estou chamando a atenção para a diferença da perspectiva de Federici porque ela estuda exatamente esses problemas, consultando, por exemplo, os processos de condenação das bruxas para saber qual era a acusação, quais eram as torturas realizadas para a obtenção de provas, que tipo de ritual era realizado no momento da punição etc. Federici mostra que a construção social da figura da bruxa refreou as lutas camponesas anteriores à instauração do capitalismo, as quais eram muitas vezes lideradas por mulheres, empoderadas por seus saberes e pelo papel social que estes lhes proporcionavam. Esses saberes se estendiam ao conhecimento das ervas e das estações do ano, das plantas e do seu cultivo adequado. Havia um mundo povoado de saberes que as mulheres compartilhavam, e este mundo, desenhado pela vida coletiva e comunal, foi substituído pela atividade moderna destinada ao lucro. Quer dizer, para Federici, os cercamentos não dizem respeito apenas à privatização das terras comunais; eles bloquearam o acesso de comunidades inteiras a essas terras, de modo que os saberes cultivados na relação com esses territórios aos poucos desaparecem.

Atenta aos acontecimentos, Federici descreve o momento de efervescência de luta das mulheres contra os cercamentos que começam a acontecer, analisa a aliança entre a Igreja Católica, a aristocracia decadente e a burguesia ascendente para perseguir mulheres, bruxas e hereges, além de expropriar camponeses e retirá-los do seu antigo modo de vida. A tese forte sustentada por Federici é de que não podemos compreender o nascimento do capitalismo e da modernidade sem antes estudarmos o período de caça às bruxas, que durou mais de um século. A filósofa não concordaria com o protagonismo que Foucault concede a Damian na abertura de *Vigiar e Punir*. É verdade que se trata de um regicida, figura que comporta perfeitamente a discussão sobre o funcionamento do dispositivo da soberania, assunto com que Foucault inicia seu livro. Porém, o suplício de regicidas não era o principal espetáculo de punição que acontecia naquele período, quando cotidianamente bruxas eram queimadas em praça pública. Assim, entender por que isso ocorria implica desvendar o processo de domesticação das mulheres, quando se tornou necessário controlar seus corpos e comportamentos. Contrariando a ideia de que o poder moderno é primordialmente produtivo, e não negativo ou repressivo, Federici mostra como o braço da lei se dirigiu às mulheres, transformando-as em bruxas, figura que catalisou o imaginário demoníaco a respeito do feminino e de sua sexualidade, de modo a justificar sua severa punição na fogueira.

Há vários processos simultâneos que vão acontecendo ao longo do período de caça às bruxas de modo que as mulheres vão perdendo aquilo que era o seu saber, e o seu papel social dentro da comunidade; o que lhes dava reconhecimento foi sendo, aos poucos, transformado em heresia e crime. Com isso, certo modo de vida feminino foi dizimado, criando-se aí um campo de *ilegalidades*, ou seja, o Estado e a Igreja passaram a visar coercitivamente certas práticas femininas, antes comuns e aceitas, como fazer uma reza, curar alguém, fazer uma poção, realizar um parto, fazer uso de métodos contraceptivos, coletar ervas em terrenos comuns etc., transformando-as em alvos de punição.<sup>13</sup> Atividades antes corriqueiras foram traduzidas

<sup>13</sup> Há, é evidente, um processo de adestramento do corpo feminino em jogo aqui. Assim, todos os elementos que Foucault busca caracterizar para compreender a disciplina dos corpos na modernidade são tomados por Federici de uma perspectiva de gênero. Assim, a genealogia da mulher moderna revela um cruzamento entre o dispositivo da soberania e o disciplinar, quando a



em termos demoníacos e criminosos, e com isso foi-se criando a figura da mulher como um ser que precisa ser controlado porque seu comportamento e sua sexualidade são um perigo social: a mulher é aquele ser cujo prazer consiste em castrar os homens, e fazer mal às crianças; ela é, por natureza, castradora, abortiva e infanticida. Por isso ela perde sua antiga função social de resguardar e regular o campo da reprodução, para se tornar uma ameaça à vida, tendo de ser, legitimamente, submetida ao marido e ao Estado.<sup>14</sup>

8. A visão de Federici sobre os desdobramentos do capitalismo está intimamente articulada a sua incansável militância feminista. O fato de ela ter lecionado na África, e de ter ido a diversos lugares do mundo onde o capitalismo mostra a sua verdadeira face, tornou-a capaz de enxergá-lo em seus traços mais violentos e destrutivos. Para refletir sobre esse aspecto, eu gostaria de terminar esse ensaio retomando a trajetória de Jaider Esbell, o nosso Calibã. A conexão sagrada que o artista estabeleceu com a figura ancestral de Makunaíma é profundamente reveladora da violência colonial dirigida a nossos territórios. Makunaíma chegou à cultura branca pelas mãos de um etnólogo alemão, membro de uma expedição que percorreu o norte da América do Sul, do rio Roraima ao Orinoco, entre os anos de 1911 e 1913. O etnólogo registrou detalhadamente a viagem, tendo descrito os detalhes das paisagens amazônicas, de seus rios, matas e povos. Foi em contato com populações indígenas que ele pode conhecer as aventuras de Makunaíma:

Registrei esses mitos e lendas nas horas ociosas junto à fogueira, durante a viagem em bote vacilante, quando usávamos a lona da barraca como vela por tranquilos trechos de rio, sobre as rochas banhadas pelas vagas das cachoeiras, sob as copas sussurrantes das árvores da mata virgem.

Os narradores eram dois índios fiéis, por vários meses meus companheiros de alegrias e de tristezas e cujo interior se apresentava diante de mim como um livro aberto. Um deles se chamava Möseuaípu, um jovem pajé da tribo dos Arekuná, inteligente e vivo como Akúli, o ágil roedor do qual recebeu seu apelido, bem-sucedido na caça, na pesca e no amor. [...] O outro era Mayuluaípu, chamado José, um índio Taulipáng muito inteligente de cerca de 28 anos de idade, filho do mais famoso contador de lendas de sua terra natal no alto Majari (KOCH-GRÜNBERG, 2022, p. 15).

Esse registro, publicado logo depois de terminada a viagem, permaneceu sem tradução para o português até recentemente. Ainda em alemão, a obra chegou às mãos de Mário de Andrade, em meados de 1920. O escritor brasileiro utilizou parte desse material para compor um dos livros mais importantes da literatura brasileira contemporânea: *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, obra escrita em 1926, e publicada em 1928.

Esbell teve contato com esse *corpus* mitológico por meio de seus parentes, ainda na terra indígena Raposa-Serra do Sol. O trânsito do artista pelo mundo branco permitiu redescobrir seu ancestral nas páginas do livro de Mário de Andrade. Ora, já nas transcrições de Koch-Grünberg, a violência colonial se faz presente. A cristianização dos indígenas, o desenvolvimento das cidades avançando sobre as florestas, a chegada

---

lei e a norma funcionam para criminalizar o modo de vida não-capitalista e anticapitalista cultivado pelas mulheres. O espetáculo de caça às bruxas pode nos ensinar, contudo, algo sobre o adestramento dessas mulheres, para além do que Foucault foi capaz de nos apresentar por meio de sua genealogia do dispositivo de sexualidade. Esse espetáculo ensina que a história da sexualidade se desenrolou de maneira diversa para homens e mulheres, e que estas ainda estão sob o jugo da lei e da soberania. Ademais, uma vez que, na autora do capitalismo, segundo Federici, o adestramento e a normalização das mulheres se dão por meio da tortura e da repressão, e não apenas pela administração dos comportamentos, é possível projetar essa discussão para o estudo do funcionamento atual do capitalismo de modo a dar conta da misoginia aí presente. De qualquer modo, a repressão aos modos de vida femininos cria um campo de *ilegalidades* sujeitas à punição (sobre essa discussão em Foucault, cf. p. 227). Essa punição, porém, no caso das mulheres, nunca renuncia a elementos abusivos e violentos, pois de certo modo ela carrega a gramática da caça às bruxas para o campo da disciplina dos corpos femininos.

<sup>14</sup> Cabe lembrar que, assim como os trabalhadores não brancos, as mulheres jamais atingem a mesma posição, e a mesma remuneração, do trabalhador branco livre assalariado. Nestes termos, segundo a observação aguda de uma importante pensadora brasileira, “o trabalho não pago que [a mulher] desenvolve no lar contribui para a manutenção da força de trabalho, tanto masculina quanto feminina, diminuindo, para as empresas capitalistas, o ônus do salário-mínimo de subsistência” (SAFFIOTI, 2013, p. 74). Em outros termos, a desigualdade é fonte de lucro.

do gado, trazido a bordo dos barcos amazônicos são signos do avanço violento do capitalismo. Assim, o quadro desenhado pelo etnógrafo alemão permite entrever o avanço colonial sobre esses territórios no início do século passado. Ao mesmo tempo em que registra as histórias indígenas, o estudioso descreve o sofrimento desses povos, e a degradação de seus modos de vida. A investida colonial sobre os territórios não respeita seu teor sagrado, e isso vale especialmente para o monte mais significativo no contexto da cultura de diversas etnias indígenas que ali vivem: o monte Roraima, morada de Makunaíma. Ora, esse monte tem sido objeto de cobiça colonial nos últimos séculos, e em seu entorno desenhou-se uma fronteira tríplice: Brasil, Venezuela e Guiana. Em outras palavras, o território sagrado dos povos ancestrais foi, e ainda é, objeto de intensa disputa colonial.

Assim, quando Esbell se reconhece como neto de Makunaíma e pretende dedicar sua vida ao resgate do corpo ancestral de seu avô, de modo a devolvê-lo à morada sagrada de onde provém, o monte Roraima, o artista nos convida a redescobrir a potência anticolonial do sagrado. Sagrado que Esbell reinventa com sua arte de modo a oxigenar a resistência contra o avanço do capitalismo e de suas formas terríveis de acumulação primitiva:

No meu caso, eu acredito que contribuo para isso dentro de uma proposta nova de resistência contemporânea, tanto dentro do mundo indígena quanto do mundo branco, através da figura de um índio artista. A figura do índio artista vem reivindicando um espaço de existência apropriado para a arte se manifestar. E que traz uma possibilidade muito grande de um pensamento novo. Num momento em que a arte está sendo cercada por movimentos políticos e religiosos, isso tudo é uma grande resistência, porque há a tentativa de se descaracterizar, de desmoralizar e de criminalizar toda arte que foge do habitual. E é essa habilidade estratégica que me interessa, a de escapar da generalização do ser como homogeneização, não permitir que se retire as particularidades, as individualidades, os diferentes sentidos de cada pessoa e cultura (ESBELL, 2020, p. 26).

Sua morte prematura, segundo um ritual de suicídio comum entre as populações indígenas, é uma chaga difícil de curar, embora ela traga consigo a expressão do desejo de retorno à terra, e de transformação de si e do outro. Macunaíma também teve um destino trágico, despedaçado pela volúpia de Iara. Sozinho e sem esperança, o herói de nossa gente decide se transformar na constelação da Ursa Maior. Esbell de certo modo repete o mesmo gesto com o qual seu ancestral mítico termina suas aventuras no livro de Mário de Andrade. Não para desaparecer, mas sim para se encantar e, com sua luz, guiar os caminhos daqueles que pretendem reencantar o próprio mundo, tendo por valores o humor, a curiosidade e a preguiça. Trágico perceber que só escutamos a lição de seu neto artista depois de seu próprio encantamento; entre nós, apenas a tristeza, a violência e o cansaço.

### Referências bibliográficas:

ANDRADE, M. de. *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*. Porto Alegre, L&PM, 2018.

DIAS, M. C. L. A noção de liberdade para Silvia Federici. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. São Paulo, Vol. 39, n. 32, Jul-Dez, 2021, pp. 161-176. Acessível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/190976>. Acessado em 30/01/2024.

CUDISCHEVITCH, C.; NEVES, K. A Ciência recalcula sua rota. Pesquisadores lutam por um sistema de publicação mais aberto e menos excludente. *Revista Piauí*, Edição 212, Maio, 2024. Acessível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/ciencia-recalcula-sua-rota/>. Acessado em 10/05/2024.

ESBELL, J. Makunaíma, o meu avô em mim!. *Iluminuras*, Porto Alegre, Vol. 19, n. 46, jan/jul, 2018, pp. 11-39. Acessível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/85241>. Acessado em: 29/01/2024.

\_\_\_\_\_. *Jaidier Esbell*. Oca editorial: Lisboa, 2020 (Coleção Tembete).

Varia. *Makunaimã: o mito através do tempo*. São Paulo. Elefante, 2019.

FAUSTO, R. *Marx: Lógica & Política — Tomo I*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *A esquerda difícil: em torno do paradigma e do destino das revoluções do século XX e alguns outros temas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. Trad. do Coletivo Sycorax: Solo Comum. São Paulo: Elefante, 2017.

\_\_\_\_\_. *Reencantando o Mundo. Feminismo e a política dos comuns*. Trad. do Coletivo Sycorax: Solo Comum. São Paulo: Elefante, 2022.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir — o nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIANNOTTI, J. A. *Trabalho e Reflexão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GONZALEZ, L. *Por um feminismo afrolatinoamericano*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

HARVEY, D. *Para Entender o Capital, Livro I*. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Biotempo, 2013.

HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.

HUSSNE, A. *Breve biografia do amigo Ruy Fausto*. Publicado no *hors-série* (2ª parte) do volume 1 da *Revista Rosa* em 03/07/2020. Acessível em: <https://revistarosa.com/1/ruy-fausto>. Acessado em 21/09/2024.

KOCH-GRÜNBERG, T. *Do Roraima ao Orinoco. Resultados de uma viagem ao norte do Brasil e na Venezuela nos anos de 1911 a 1913*. Vol. III. Mitos e Lendas dos índios Taulipáng e Arekuná. Trad. de Cristina Alberts-Franco. São Paulo, Editora Unesp, Editora UEA, 2022.

MACHADO, I. “Semiotic Boundary Spaces: An Exercise in Decolonial Aesthesis”. *Linguistic Frontiers*, 5(2), 2022. Acessível em: <https://sciendo.com/article/10.2478/lf-2022-0018>. Acessado em 15/01/2024.

RAMOS, S. S. Mulheres e gênese do capitalismo: de Foucault a Federici. *Princípios*. Natal, Vol. 27, n. 52, Jan-Abr., 2020, pp. 199-212. Acessível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/19783/12469>. Acessado em 02/03/2020.

RIBEIRO, D. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

SAFFIOTI, H. *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. São Paulo, Expressão Popular, 2013.

SILVA, R. G. D.; DINIZ, A. G. “A arte indígena contemporânea: mostra seus raios de luz”. In: *Travessias*, Cascavel, v. 18, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v18i1.32825> | e32825.

SILVA, F. B. & GIANNOTTI, J. A. “As obsessões lógicas de Giannotti” (Entrevista). *Folha de São Paulo*, 2 de abril de 1995. Acessível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/02/mais!/4.html>. Acessado em 21/09/2024.